

**O CAMPO LEXICAL DO “ESPÍRITO”  
NOS VOLUMES II, III E IV DA *REVISTA ESPÍRITA*  
(1859, 1860, 1861)**

*Amilca Maria de Lima Fernandes* (UNEB)  
[amilcafernandes@gmail.com](mailto:amilcafernandes@gmail.com)

*Celina Márcia de Souza Abbade* (UNEB)  
[celinabbade@gmail.com](mailto:celinabbade@gmail.com)

**RESUMO**

O objetivo deste estudo é apurar uma das lexias que compõe o campo lexical dos seres: "espírito", encontrada nas revistas estudadas. Como o corpus é muito grande, optamos por trabalhar inicialmente com as edições dos anos de 1859, 1860 e 1861, respectivamente volumes II, III e IV, escritas no período em que Allan Kardec publicava seus dois primeiros livros da codificação espírita. Seguiremos, como embasamento teórico-metodológico, os pressupostos do estudo do léxico em campos lexicais, fundamentado por Eugenio Coseriu (1977 e 1987), Celina Márcia de Souza Abbade (2009 e 2015), Stephen Ullmann (1977), dentre outros, com o intuito de cooperar para que as palavras possam difundir e explicar aspectos da doutrina que se diz muito mais do que religião, sendo compreendida também como filosofia e como ciência.

**Palavras-chave:** *espírito*. Campo lexical. Revista Espírita. Allan Kardec.

**1. Antecedentes da doutrina espírita**

É quase impossível estabelecer uma data para o surgimento do espiritismo, considerando que os fenômenos espíritas sempre existiram em todas as épocas. Vale ressaltar alguns precursores dessa doutrina, como Emanuel Swedenborg (1688-1772), o “vidente sueco”, nascido em Estocolmo; O "Pai do Espiritualismo Moderno", em virtude dos diversos fenômenos por ele protagonizados, Andrew Jackson Davis, americano nascido numa área rural do estado de Nova Iorque.

Mesmo havendo registros de diversas ocorrências, os ingleses e americanos decidiram estabelecer o marco inicial do Espiritismo a data do apogeu fenômenos de Hydesville, 31 de março de 1848, conforme Arthur Conan Doyle (2008). Uma família metodista, composta pelo senhor John Fox, fazendeiro, a esposa, Margaret e duas filhas, Margaret então com 14 anos e Kate, de 11 anos, mudaram para uma pequena vila, chamada Hydesville, situada no estado de Nova Iorque. O casal teve seis filhos, uma das quais, Leah que ensinava música em Rochester. Entretanto só Margaret e Kate residiam com os pais.

Por um período de vários dias a família ouviu vários ruídos dentro da casa, que se assemelhavam com arranhaduras, em outras ocasiões eram batidas e ruídos parecidos com o arrastar de móveis, ocorrências essas que deixavam as meninas assustadas, a ponto de irem dormir com os pais.

Em 31 de março de 1848, os ruídos tornaram-se bem mais fortes e intensos, ao ponto da filha mais nova, Kate, na sua inocência, ter decidido brincar, “dialogando” com aquela provável força invisível, solicitando que repetisse com batidas os ruídos que ela fazia com os dedos. A cada pergunta que Kate fazia, as respostas eram imediatamente dadas pelo “agente”, quando estipularam o código de uma batida para sim e duas para não. As meninas acreditavam ser um demônio, por isso resolveram denominá-lo de “Mr. Splitfood”, ou Sr. Pé Fendido, o que corresponde a “pé de bode”.

A senhora Fox indagou à “força invisível” quantos filhos ela tivera, tendo sido respondido que foram sete. A princípio ela retrucou, mas depois ficou atônita quando lembrou que um dos seus filhos morrera em tenra idade.

Diante das ocorrências, a família chamou os vizinhos para testemunharem tudo, sendo respondidas a todas as perguntas feitas por eles. Indagaram se a “força invisível” era uma pessoa morta, ou seja, um espírito, tendo sido respondido afirmativamente.

O possível agente teria dito que era um mascate e que havia sido assassinado naquela casa, informando o nome do inquilino antigo que o matou em função da quantidade de dinheiro que carregava, estando enterrado o seu corpo debaixo de uma adega. Em 1904, cinquenta e seis anos após esse episódio, foi encontrada a ossada do mascate. Todavia, quando ruiu uma parede da antiga casa onde aconteceu esse episódio, deixou perceptível uns restos mortais humanos, exatamente no local onde foi descrito pelo agente, o que atemorizou crianças que brincavam nas imediações.

Esses fenômenos repercutiram em toda a região, a ponto de atrair muitos curiosos, levando a família Fox a ser obrigada a fixar residência em Nova Iorque, onde as irmãs Kate, Margarete e Leah continuaram a fazer sessões públicas.

O episódio de Hydesville despertou a atenção do público, em particular da imprensa norte-americana, tendo se transformado em objeto de

pesquisa por vários estudiosos, a exemplo do juiz Edmonds, materialista que havia desdenhado dos fenômenos, e o físico William Crookes, além de várias personalidades da época, sendo esta data, 31 de março de 1848, considerada o marco inicial, na América do Norte, do que foi denominado novo espiritualismo.

### 1.1. As mesas girantes e a codificação kardequiana

Imediatamente a prática das mesas girantes, reverberou por toda a Europa. Quando os saraus eram finalizados, as pessoas se reuniam em volta de uma mesa, como diversão, que se movimentava e se erguia no ar. Faziam perguntas, obtendo as respostas da “mesa” com batidas no chão (tiptologia<sup>311</sup>).

Em 1854 o professor Hyppolyte Leon Denizard Rivail, pesquisador e educador nascido em Lyon, na França, foi informado, pela primeira vez, a respeito dessas mesas girantes, pelo seu amigo de muito tempo e magnetizador, o Sr. Fortier que teve o primeiro contato com esses fenômenos, no ano de 1855.

Habitado a fazer pesquisas, o professor Hyppolyte Leon Denizard Rivail passa então a observar estes fenômenos e a analisá-los cuidadosamente, buscando justificativas para tais ocorrências, visando desmascarar uma possível fraude. Assim, ele fazia perguntas, as quais eram respondidas pelos prováveis *espíritos*, utilizando a *psicografia indireta*<sup>312</sup>, sob o amparo do *Espírito de Verdade*, fazendo uso de *cestinhas de bico*, que tinham um lápis amarrado na ponta, e com a intervenção das *médiuns*, as irmãs Julie e Caroline Baudin, de 14 e 16 anos, as quais punham as mãos na beirada da cesta, e as respostas eram escritas numa lousa.

Fazendo uso do método experimental, que consiste em examinar, fazer comparações, averiguar de forma criteriosa para se chegar a uma conclusão, o professor Hyppolyte Leon Denizard Rivail convenceu-se de que uma vez sendo as mesas seres inanimados que “respondiam” às perguntas, deveria ter uma força inteligente agindo sobre elas.

---

311 Fenômeno mediúnic em que o possível *espírito* se comunica com pessoas do “mundo dos vivos” através de batidas.

312 Um lápis é amarrado a um suporte material, seja prancheta, cestinha de bico, perguntas eram feitas aos possíveis Espíritos e as respostas eram escritas numa lousa.

Assim, após obter a convicção da existência dos *espíritos* e da sua interlocução com os homens, em 18 de abril de 1957, com 501 perguntas e respostas, foi apresentada ao público a primeira edição de *O Livro dos Espíritos*, obra básica da doutrina espírita. Ao ser publicado, o professor Hyppolyte Leon Denizard Rivail utilizou-se do pseudônimo de Allan Kardec. Uma segunda edição ampliada surge em 18 de março de 1860, com 1018 perguntas e respostas.

Da mesma forma que *O Livro dos Espíritos*, *O Livro dos Médiuns* também teve publicação introdutória em 1858 com o lançamento do pequeno volume intitulado *Instruções Práticas Sobre as Manifestações Espíritas*. Em janeiro de 1861, foi editado pela primeira vez *O Livro dos Médiuns*, um manual para os que exercitam o intercâmbio com o mundo espiritual.

Dessa forma, a codificação da doutrina espírita se completa com a publicação de cinco obras: *O Livro dos Espíritos* (1857), *O Livro dos Médiuns* (1861), *O Evangelho Segundo o Espiritismo* (1863), *O Céu e o Inferno* (1865) e *A Gênese* (1868).

Para Allan Kardec, o Espiritismo é ao mesmo tempo uma ciência de observação, uma doutrina filosófica e uma religião. Ciência pela prática nas relações que se podem estabelecer com os espíritos; filosofia por tratar das circunstâncias morais que decorrem dessas relações; e religião porque transforma o homem.

Para fazer-se compreensível esta nova ciência, foi necessário Allan Kardec fazer uso de palavras novas, visando explicitar fenômenos recorrentes, entretanto as lexias da época não alcançavam plenamente significações como *reencarnação*, *espírito*, *perispírito*, *espiritismo*, *médium*, *mediunidade*, *desencarnar*, ou ampliar significados de lexias existentes, com o intuito de evitar ambiguidades, como *espírito*. Por isso, o lionês registrou, na introdução de *O Livro dos Espíritos*, que para "as coisas novas foi necessário utilizar palavras novas, com a finalidade de tornar a linguagem clara e compreensível, objetivando evitar a equívocos ligados ao sentido múltiplo dos mesmos vocábulos". (KARDEC, 2013, p. 33)

Como as cinco obras da codificação, postulados da doutrina, muito reverberaram na sociedade parisiense exortando a população a ir em busca de elucidações concernentes aos fenômenos espirituais, e como Allan Kardec passou a ser agredido através de artigos publicados em jornais que inclusive atingindo a sua vida pessoal, ele decidiu criar uma revista.

Nasce assim a *Revista Espírita – Jornal de Estudos Psicológicos*, para responder aos questionamentos da população, e complementar a codificação da doutrina espírita.

As 135 revistas, minucioso documentário científico e histórico da codificação, foram compiladas e organizadas em 12 volumes (1858 a 1869), em um período de onze anos e quatro meses de labor. Contêm registros de reuniões, de manifestações mediúnicas ocorridas em diversos países, pesquisas, atividades dos centros espíritas, os estudos realizados pela Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, como também os acréscimos de feitos por sociedades estrangeiras afins.

Com relação aos fenômenos mediúnicos ocorridos em diversos países, narrações eram enviadas por estudiosos de tais fenômenos naquelas localidades, à Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, que as estudava meticulosamente, em consonância com os pressupostos de *O Livro dos Espíritos* e de *O Livro dos Médiuns*, cujos resultados eram posteriormente publicados na *Revista Espírita: Jornal de Estudos Psicológicos*.

A motivação em catalogar as lexias que teriam sido utilizadas pelos espíritos que guiaram Allan Kardec nas respostas à população, contidas nos volumes 2 ao 4 (1859-1860-1861), deve-se ao fato de os mesmos terem sido divulgados em um no período intermediário à publicação de *O Livro dos Espíritos* (1857) e do *O Livro dos Médiuns* (1861).

## 2. *A respeito da lexicologia*

O léxico de uma língua é estruturado por todas as palavras que compõem essa língua, sendo por intermédio delas permitido ao usuário expressar o seu conhecimento do universo. Através de ininterruptas atitudes de cognição da realidade, denominamos tudo o que nos rodeia e os classificamos; identificamos similitudes e dessemelhanças, o que nos permite, através das palavras, sistematizar o mundo e estruturar as nossas ideias. Dessa forma, as palavras que têm uma significação social, a exemplo de *mesa, livro, homem, mulher*, são denominadas *lexias*. Essa dinâmica faz com que o falante aprenda, reflita e se posicione diante das situações reais de uso.

O léxico desempenha um papel de tal modo decisivo na estrutura da língua, que necessitamos de um ramo especial da linguística para examiná-la em todos os seus aspectos, a lexicologia, ciência que trata das unidades significativas, e que tem como uma das tarefas apontar a proba-

bilidade de se efetuar análises de um conjunto de palavras de determinado sistema linguístico, ou de um grupo de indivíduos. Esta ciência não trata apenas das palavras, mas do léxico, que dá condições ao falante de criar frases e textos, além de registrar a cultura de uma época, através da escrita. Stephen Ullmann (1964) defende a ideia de que:

O nome é a configuração fonética da palavra; o 'sentido' é a informação que o nome comunica ao ouvinte; a coisa [o referente] é o aspecto ou o acontecimento não-linguístico acerca do qual falamos. [...] Essa relação recíproca entre o som e o sentido é o que chamo de significado da palavra. (ULLMANN, 1964, p. 119)

Celina Márcia de Souza Abbade (2011) aponta as diferenças relacionadas entre *palavra* e *lexia*, conceitos esses referentes à Lexicologia. Para a autora, afirmar que *lexias* são *palavras* de uma língua seria denominar *lexia* sinônimo de *palavra*. *Lexia* é uma unidade significativa do léxico que possui significado social, referencial a coisas concretas ou abstratas, como *menino*, *menina*, *espírito*, *alma*, *anjo*, *demônio*, *fantasma*, *espectro*; enquanto que *palavra* é uma unidade significativa, entretanto a significação pode ser lexicológica ou gramatical, como *de*, *para*, *o*, *que* etc.

De acordo com Ferdinand de Saussure (2006), o significante e significado são indissociáveis, mas o signo é arbitrário. Diante de uma possível interpretação do signo, o significante é a imagem acústica, a representação fônica. O significado é a ideia que se tem sobre a coisa, e a coisa é o referente, o fator extralinguístico, porque a língua precisa ser entendida como um todo organizado, no qual os diversos elementos são interdependentes e recebem a sua significação do sistema, no seu conjunto.

Qualquer *lexia* pode ser utilizada como marco inicial, visando a composição de campos lexicais que têm por alicerce a afinidade de sentidos.

O entrelaçado de probabilidades que unem as palavras umas às outras, são firmadas pelos vínculos entre os sentidos. Segundo Stephen Ullmann, (1964), há acoplamentos estruturados em uniões entre os sentidos; outras são vinculadas apenas com relação à forma; e outras necessitam de significado, forma e tempo, em acordo com o que preceitua Ferdinand de Ferdinand de Saussure (2006).

Stephen Ullmann, (1964) diz que:

Todos os signos, por definição, apontam para algo distinto, referem-se a alguma coisa que está para além deles próprios. Vários nomes podem estar ligados com um único sentido e, inversamente, diversos sentidos podem estar ligados a um só nome. As palavras estão associadas a outras palavras, com as quais tem qualquer coisa em comum, no som, no sentido, ou em ambos ao mesmo tempo. (ULLMANN, 1964, p. 128 e 131)

Evanildo Bechara (2009, p. 385), no capítulo que trata sobre a lexicomática ou semântica estrutural, na sua *Moderna Gramática Portuguesa*, registra as ligações de significação e de designação: as primeiras são as relações entre os significados linguísticos, e apenas elas são estruturáveis, as segundas são as relações entre os signos e as realidades extralinguísticas por eles designadas e representadas no discurso. Reforça exemplificando que a designação de dois signos pode ser a mesma sem que haja identificação entre os seus significados.

Celina Márcia de Souza Abbade (2009, p. 41), esclarece que “Coseriu, em lugar de trabalhar com os termos saussurianos, optou pelos termos de Louis Hjelmslev, *expressão/conteúdo*, onde os “significados” são linguísticos e as “coisas” não o são.

### 3. *A teoria dos campos lexicais*

Os campos lexicais, para Celina Márcia de Souza Abbade (2011), são lexias vinculadas por uma teia de associações, sendo que este elo configura um encadeamento hierarquizado entre as palavras, as quais são reunidas no formato de uma rede.

Nesses campos lexicais há uma dependência entre as lexias, as quais assumem conceitos tomando como referência a forma como são estruturadas. Dessa forma, o significado de cada lexia vai depender exclusivamente do significado de suas afins conceituais.

Segundo Celina Márcia de Souza Abbade (2009):

A partir da estruturação dos campos lexicais, Coseriu (1987) propõe sempre um estudo diacrônico e estrutural do léxico onde se possa investigar o funcionamento de uma língua, partindo-se da significação estrutural da designação, ou seja, a língua é descrita enquanto estruturação de conteúdos. (ABBADE, 2009, p. 42)

Nesse entrecruzamento de significações defendido por Eugenio Coseriu, as lexias que o compõem um enunciado têm similitude na língua, e não podem ser analisados isoladamente, uma vez que são conseqüentes e convivem em uma determinada situação de uso.

Evanildo Bechara (2009, p. 387) declara que “campo léxico é uma estrutura paradigmática constituída por unidades léxicas que se repartem numa zona de significação comum e que encontram oposição imediata umas com as outras”.

Stephen Ullmann (1964) preceitua que todas as palavras estão la-deadas por uma cadeia de associações que vinculam umas às outras. Contudo, algumas dessas associações se estabelecem em vínculos entre os sentidos, outras são meramente formais, enquanto que outras, finalmente, demandam o tempo, a forma e o significado, do mesmo modo como Ferdinand de Saussure (2006) tratou.

Todos os signos, por definição, apontam para algo distinto, referem-se a alguma coisa que está para além deles próprios. Vários nomes podem estar ligados com um único sentido e, inversamente, diversos sentidos podem estar ligados a um só nome. As palavras estão associadas a outras palavras, com as quais tem qualquer coisa em comum, no som, no sentido, ou em ambos ao mesmo tempo. (ULLMANN, 1964, p.128 e 131)

Celina Márcia de Souza Abbade (2011) compactua com as propostas de Stephen Ullmann (1964), Ferdinand de Saussure (2006) e Eugenio Coseriu (1977), quando afirma que, em uma rede de associações, o significado de cada palavra está subordinado ao significado das suas semelhantes conceituais, ressaltando que elas só têm sentido no campo. Diante dessa perspectiva, para se compreender uma lexia individualmente faz-se necessário analisá-la no seu conjunto de campo, uma vez que fora desse contexto a significação fica comprometida.

Eugenio Coseriu defende a ideia de que os itens lexicais se opõem dentro de um campo, sendo tal oposição indispensável para uma parte na estrutura de cada língua. Só se constitui um campo onde uma nova oposição necessite que o valor unitário do campo se converta em traço distintivo.

Assim, o autor entende o campo lexical como uma disposição paradigmática composta por unidades léxicas que são examinadas em uma área de significação coletiva e que nesse mesmo espaço estabelecem oposições entre si. Dessa forma, as desigualdades de sentidos de um campo lexical, no que diz respeito ao conteúdo, são decisivas para as suas relações internas.

As diferenças das oposições, de acordo com Eugenio Coseriu (1977), atuam num mesmo campo lexical e definem os microcampos, o



que quer dizer que, além de configurar os campos integrais, constituem os subtipos de campos.

#### 4. *A lexia espírito na Revista Espírita (edições 1859, 1860 e 1861)*

Em *O Livro dos Espíritos*, Allan Kardec, na pergunta 76, questionou aos possíveis “espíritos”: “*Que definição se pode dar dos espíritos?*” Obteve a seguinte resposta:

– *Pode-se dizer que os espíritos são seres inteligentes da Criação. É o ser imaterial e individual que reside em nós e sobrevive ao corpo.*

Está registrado no *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*, de Antenor Nascentes (1955), que a lexia *espírito* é derivada do latim *spiritus* “alma, coragem, vigor, sopro, respiração”, relacionado a *spirare*, “respirar”.

Hilton Japiassú e Danilo Marcondes, no *Dicionário Básico de Filosofia*, dão três definições para a lexia *espírito*: na primeira, dizem que na filosofia, herança deixada por René Descartes, o espírito é o princípio do pensamento: “Meu espírito, isto é, eu mesmo enquanto sou apenas uma coisa que pensa” (Descartes)”. Opõe-se ao corpo, à matéria, à extensão, na medida em que é indivisível e totalizante (a matéria é divisível e diversificante); na segunda, no sentido metafísico, especificamente em Friedrich Hegel, o espírito, absolutamente primeiro, é a verdade da natureza: é a ideia que chegou ao ser-para-si: essa interiorização do ser-fora-de-si, que é a natureza, desenvolve-se do espírito subjetivo (alma, consciência, fatos psíquicos) ao espírito objetivo (direito, costumes, moralidade) e ao espírito absoluto (através da arte da religião) a fim de chegar à filosofia, que é a forma última na qual se unem a arte (representação sensível) e a religião. E na terceira, além de designar seres incorpóreos, (Deus e o anjos, na teologia cristã, são “puros espíritos”), a palavra “espírito” designa ainda certas entidades sobrenaturais admitidas por certos povos ditos “primitivos” (o “*Grande Espírito*”) ou, na linguagem corrente, o “sentido profundo” de algo: “ele não entendeu o espírito da coisa”, o “espírito” de um texto, de um discurso etc.

O *espírito* é o princípio inteligente do universo, é onde ficam depositados todos os conhecimentos construídos durante as diversas encarnações. O atributo primordial do *espírito* é a inteligência, sendo que para expressá-la no plano material necessita-se do corpo físico. Segundo Allan Kardec, para o *espírito* construir a própria aprendizagem, é necessá-

rio retornar à vida física e material, em outro corpo, sem nenhuma correlação com o anterior. *Espírito*, enfim, pode ser entendido então como: a alma após o desligamento do corpo físico.

Segundo Ferdinand de Saussure (2006), *léxico* pode também ser entendido no sentido de ‘dicionário de uma língua’, ou seja, conjunto de palavras ordenado, “tesouro de palavras, disposto como está num dicionário”. É parte da língua e guarda o saber linguístico de um povo. Portanto, contempla o saber que é compartilhado pelos falantes de uma língua. Dessa forma, todas as coisas integrantes da vida humana têm nome, e são esses nomes que constituem o léxico.

Celina Márcia de Souza Abbade (2006) preceitua que:

Estudar o léxico de uma língua é enveredar pela história, costumes, hábitos e estrutura de um povo, partindo-se de suas lexias. É mergulhar na vida de um povo em um determinado período da história, através do seu léxico. Apesar de pouco estudado até então, o estudo lexical das línguas é deveras importante e necessário para desvendar os inúmeros segredos da nossa história social e linguística, segredos estes que podem ser desvendados pelo estudo e análise do léxico existente nessas línguas em momentos específicos da história de cada povo. (ABBADE, 2006, p. 213-214)

## 5. *O campo lexical do espírito*

Os campos lexicais são comumente sistematizados de forma hierárquica, ocorrendo lexias que se postam num patamar elevado da estrutura, denominadas de macrocampos e outras que a acompanham, formando, dessa maneira, o elo associativo, os microcampos.

Celina Márcia de Souza Abbade (2009), afirma que:

Uma língua funcional é uma língua delimitada dentro de uma língua histórica e homogênea, visto que a língua histórica é o conjunto de falares, níveis e estilos de língua. Ela se chama funcional exatamente porque funciona imediatamente ao ato de falar. (ABBADE, 2009, p. 44)

Ainda segundo Celina Márcia de Souza Abbade (2011), o valor de uma palavra não pode ser medido individualmente. As palavras organizam-se em um campo com mútua dependência, sendo que o significado de cada uma delas depende do significado das suas vizinhas conceituais. Para compreender uma lexia individualmente faz-se necessário analisá-la no seu conjunto. Elas não têm sentido se lhes faltam outras semelhantes ou opostas, pois necessitam sempre de um campo conceitual e fora dessa teia não há significação.

Neste artigo apresentaremos algumas lexias que compõem um dos microcampos do *espírito* estudados: o dos *denominadores*.

Para a organização das lexias, as mesmas estão colocadas em negrito e em caixa alta; a seguir colocamos a classificação gramatical, etimologia (quando encontrada), significação e abonações.

As definições dadas pela Filosofia para a lexia *espírito* são alma racional ou intelecto, *pneuma* ou sopro animador, ser incorpóreo, matéria sutil ou impalpável e capacidade pensante. Entretanto, Allan Kardec (2013) diz que *espírito* é a individualização ou humanização do princípio inteligente do universo, ser que pensa e sobrevive à morte do corpo físico e que preserva a sua personalidade, ou seja, características individuais e consciência de si após o desenlace.

Dessa forma, uma vez que a Doutrina codificada por Allan Kardec tem como um dos seus fundamentos a crença na existência e na comunicação dos mortos, o campo dos *espíritos* aqui apresentado designa os seres que habitam o mundo, podendo estarem encarnados (vivos) ou desencarnados (mortos). O próprio Allan Kardec (2013) define o *espírito* como: “ a individualização do princípio inteligente”.

Como para denominar os *espíritos*, encontramos diversos termos, escolhemos apresentá-los compondo o microcampo lexical dos *denominadores*, ou seja, todos os nomes que Allan Kardec atribuiu ao *espírito* no *corpus* estudado.

A lexia *espírito*, palavra que nomeia o campo lexical pesquisado, abre o microcampo dos *denominadores*. Ao efetuar o levantamento dessa lexia nos três volumes da *Revista Espírita: Jornal de Estudos Psicológicos* que compõem o *corpus* deste trabalho, detectamos 3.518 ocorrências, sendo 1079 no volume II, 1360 no III e 1079 no IV. Dessa forma, neste microcampo selecionamos para apresentar aqui quatro das lexias mais recorrentes levantadas no *corpus* que pertencem ao microcampo dos *denominadores*: *espírito*, *alma*, *anjo* e *demônio*.

Para a lexia *alma* foram encontradas 155 ocorrências no volume II, 224 no volume III e 210 no volume IV, somando um total de 589 ocorrências. Há, na introdução de *O Livro dos Espíritos*, registros da lexia *alma* com três significados. Ela é, na visão dos *materialistas*, o que principia a vida material, sem essência e finaliza junto com a vida orgânica. De acordo com Allan Kardec (2013), há pessoas que acreditam haver no universo uma única alma, que esparge fagulhas para os seres inte-

ligentes, só que após a morte tais fagulhas retornariam ao ponto de origem, voltando a fazer parte do Todo, ideia que equivale à *Doutrina Panteísta*, porque Deus seria essa Alma Universal e cada um ser da espécie humana uma fagulha do Todo. Para os *espiritualistas*, a alma é um ser provido de inteligência, que conserva a individualidade após o fim da vida material, o que significa que continua a viver após a morte do corpo físico. Segundo Allan Kardec (2013), o uso destas três significações são consequência da limitação da língua que disponibiliza uma única lexia para caracterizar pontos de vista diferentes. Assim, resolveu firmar um sentido, a fim de dirimir possíveis equívocos, quando deu resposta à pergunta 134 de *O Livro dos Espíritos*: “a alma é um espírito encarnado”.

No seu *Dicionário Filosófico*, Voltaire diz que ANJO é uma palavra de origem grega que significa ‘enviado’. No *corpus* foram encontradas 699 ocorrências de ANJO, sendo 31 no volume II, 31 no volume III e 48 no volume IV. Na pergunta 128 de *O Livro dos Espíritos*, “Os seres a que chamamos anjos, arcanjos, serafins, formam uma categoria especial, de natureza diferente da dos outros espíritos?”, Allan Kardec obteve a seguinte resposta dos possíveis *espíritos*:

“Não; são os espíritos puros, os que se acham no mais alto grau da escala e reúnem todas as perfeições”. (KARDEC, 2013)

Allan Kardec (2013) elucida que a lexia *anjo* suscita normalmente pensamentos de perfeição moral. Contudo, ela é utilizada em diversas situações se referindo a entidades boas ou más. Com esse uso, essa lexia acaba por formar uma relação sinonímica com os termos *espírito* e *gênio*. Ressalta que são recorrentes as expressões: o anjo bom e o anjo mau; o anjo de luz e o anjo das trevas, e que ele, o Codificador, utiliza na melhor aceção.

A lexia *demônio* foi a menos encontrada. Voltaire elucida que um dos primeiros pensamentos do homem foi estabelecer seres intermediários entre o Divino e seres humanos, denominando esses intermediários de demônios, os gênios preconcebidos pela Antiguidade. Platão discorre na obra *Fedro* que Sócrates não dá importância ao delírio do amor, proporcionado por *Eros* aos enamorados. Aterrorizado, o filósofo retorna depressa no sentido de Fedro, quando fala que o seu *daemon* reclamou que o primeiro discurso feito por Sócrates magoou a *Eros*. Diante disso, Sócrates resolveu fazer um segundo discurso, para se redimir, uma vez que tinha temor de *Eros*. Em *O Banquete*, o filósofo grego de repente para no meio de uma rua, sem proferir uma palavra, quando alguém teria

dito que aquela situação era recorrente todas as vezes que Sócrates ouvia a voz do *daemon*. Nicola Abbagnano (2007), deixa isso claro:

Sócrates atribuía à voz que o chamava para sua tarefa e para o que devia ou não fazer "algo de divino", expressão que significa simplesmente o caráter divino ou transcendente do chamamento. Depois, foram frequentemente chamadas de demônio as divindades inferiores ou subordinadas, que muitas vezes os filósofos identificaram com as admitidas pela religião tradicional. (ABBAGNANO, 2007)

Encontramos 47 ocorrências dessa lexia no *corpus*, sendo 10 no volume II, 26 no III e 11 no IV.

### 5.1. Microcampo lexical dos denominadores

**Espírito** (s.m) – Do latim *spiritus, -us* ‘alma racional ou intelecto, *pneuma*.

Deixando o envoltório material, o *espírito* leva consigo o seu invólucro etéreo, que constitui uma outra espécie de corpo. (KARDEC, jan., 1859, p. 21)

Quando vemos um *espírito* inacessível aos bons efeitos da prece, há uma razão para nos abstermos de orar por ele? (KARDEC, fev., 1860, p. 95)

Ora, por certo sabe Deus perfeitamente a linha que seguirá um *espírito*, pois, de outro modo, não teria a ciência soberana. (KARDEC, maio, 1861, p. 237)

**Alma** (s.f.) – Do latim *anima*, “respiração, vento, vida” (NASCENTES, 1955); um espírito encarnado (KARDEC, 2013).

Qual poderá ser a utilidade da propagação das ideias espíritas? – Sendo o Espiritismo a prova palpável e evidente da existência, da individualidade e da imortalidade da *alma*, é a destruição do materialismo... (KARDEC, jan, 1859, p. 17)

Fazeis distinção entre o vosso *espírito* e o vosso perispírito? Qual a diferença que estabeleceis entre as duas coisas?

Resp. – Penso, logo sinto e tenho uma *alma*, como disse um filósofo. Não sei mais que ele a respeito. Quanto ao perispírito, é uma forma, como sabeis fluídica e natural; mas buscar a alma é querer buscar o absoluto espiritual. (KARDEC, maio, 1861, p. 227)

Após a morte, a *alma* reflete as qualidades e os defeitos que tinha durante a vida corpórea, salvo os progressos que possa ter feito no bem, porque pode ter-se melhorado, mas jamais se mostra inferior ao que era. (KARDEC, maio, 1861, p. 239)

**Anjo** (s.m.) – Do grego *ángelos* (ἄγγελος) para o latim *angelus*.

Mais tarde, aconteceu-me diversas vezes ter abertos os olhos do *espírito*, percebendo, em pleno dia, o que se passava no outro mundo, falando aos *anjos* e aos *espíritos*, assim como falo aos homens. (KARDEC, nov., 1859, p. 439)

Quais são, então, essas inteligências? *Anjos* ou demônios? E de que modo inteligências invisíveis podem agir sobre a matéria visível? (KARDEC, mar., 1860, p. 126)

**Demônio** (s.m.) – Do grego *daemónion*; latim *daemon*. Ente sobrenatural, gênio bom ou mal; ser divino em geral, que não o supremo, ao qual é habitualmente reservada a função de mediação.

Infelizmente esses conselhos, ditados pela imaginação da doente ou pelo *demônio*, contribuíram para afastá-la de nós. (KARDEC, out., 1859, p. 417)

Todos esses fatos são da mesma ordem, e aquele que admite a intervenção do *demônio* para girar uma mesa... (KARDEC, dez., 1860, p. 541)

(...) Platão e todos os filósofos e sábios que professaram ideias semelhantes não passavam de loucos, principalmente Sócrates, com seu *demônio* familiar. (KARDEC, dez., 1861, p. 412)

## 6. *Considerações finais*

Pelo fato de ser um instrumento vivo e dinâmico, a língua está continuamente se renovando, se transformando, o que pode ser observado através das novas palavras que continuamente são criadas, objetivando atender as necessidades de uso. Quando algo novo é descoberto, é necessário criar novas palavras ou atribuir novos sentidos às palavras existentes para que haja compreensão. Novas lexias são criadas de acordo com os diversos contatos entre os seres pertencentes à comunidade universal. Assim, está sujeita a transformações e se modifica no tempo e se diversifica no espaço.

De acordo com a doutrina espírita, o corpo é um envoltório, uma vestimenta que o espírito utiliza nos diversos períodos de aprendizados das encarnações, com a finalidade de progredir.

Dessa maneira, a lexia *espírito* apresenta conceitos específicos quando está inserida em um campo lexical específico. E assim, o léxico vai sobrevivendo em sua dinamicidade constante.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABBADE, Celina Márcia de Souza. A lexicologia e a teoria dos campos lexicais. *Cadernos do CNLF*, vol. XV, n. 5, t. 2. Rio de Janeiro: CiFE-FiL, 2011.

\_\_\_\_\_. *Campos lexicais no Livro de Cozinha da Infanta D. Maria*. 2009. Tese (de Doutorado). – UFBA, Salvador.

ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de filosofia*. Trad.: Alfredo Bosi e Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2007, p. 354.

BECHARA, Evanildo. Estudo estrutural do léxico: a lexemática. In: \_\_\_\_\_. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999.

COSERIU, Eugenio. Las estructuras lexemáticas. In: \_\_\_\_\_. *Princípios de semântica estrutural*. Vers. esp. de Marcos Martínez Hernández, rev. por el autor. Madrid: Gredos, 1977.

DELANNE, Gabriel. *O fenômeno espírita*. Biblioteca Virtual Espírita. Disponível em:

<[http://bvespirita.com/O%20Fenomeno%20Espirita%20\(Gabriel%20Delanne\).pdf](http://bvespirita.com/O%20Fenomeno%20Espirita%20(Gabriel%20Delanne).pdf)>. Acesso em: 25-06-2017.

DOYLE, Arthur Conan. *A história do espiritismo*. Biblioteca Virtual Espírita. Disponível em:

<[http://bvespirita.com/A%20Historia%20do%20Espiritismo%20\(Arthur%20Conan%20Doyle\).pdf](http://bvespirita.com/A%20Historia%20do%20Espiritismo%20(Arthur%20Conan%20Doyle).pdf)>. Acesso em: 15-07-2017.

JAPIASSÚ, Hilton; MARCONDES, Danilo. *Dicionário básico de filosofia*. 3. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro. Jorge Zahar, 2001. Disponível em <[http://raycydio.yolasite.com/resources/dicionario\\_de\\_filosofia\\_japiassu.pdf](http://raycydio.yolasite.com/resources/dicionario_de_filosofia_japiassu.pdf)>. Acesso em: 16-08-2017.

KARDEC, Allan. *O Livro dos Espíritos*. Edição histórica bilíngue. Trad.: Evandro Noleto Bezerra. Araras: IDE, 2013 [1857].

\_\_\_\_\_. *Revista Espírita: Jornal de Estudos Psicológicos*, ano II. Trad.: Evandro Noleto Bezerra. Brasília: FEB, 2004. Disponível em: <<http://www.febnet.org.br/ba/file/Downlivros/revistaespirita/Revista1859.pdf>>. Acesso em: 26-06-2017.

\_\_\_\_\_. *Revista Espírita – Jornal de Estudos Psicológicos*, ano III. Trad.: Evandro Noleto Bezerra; Brasília: FEB, 2004. Disponível em: <<http://www.febnet.org.br/ba/file/Downlivros/revistaespirita/Revista1860.pdf>>. Acesso em: 26-06-2017.

\_\_\_\_\_. *Revista Espírita – Jornal de Estudos Psicológicos*, ano IV. Trad.: Evandro Noleto Bezerra; Brasília: FEB, 2004. Disponível em: <<http://www.febnet.org.br/ba/file/Downlivros/revistaespirita/Revista1861.pdf>>. Acesso em: 26-06-2017.

MORA, José Ferrater. *Dicionário de filosofia*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1978. Disponível em: <<http://www.portalconservador.com/livros/Jose-Ferrater-Mora-Dicionario-de-Filosofia.pdf>>. Acesso em: 16-08-2017.

NASCENTES, Antenor. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1955. Disponível em: <<https://archive.org/stream/antenornascentesdicionarioetimologicodalinguaportuguesa-toi/dicionarioetimologicodalinguaportuguesa#page/n231/mode/2up>>. Acesso em: 16-08-2017.

PLATÃO. *Fedro*. São Paulo: Martin Claret, 2007.

\_\_\_\_\_. *O banquete*. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, 1975.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. Org.: Charles Bally e Albert Sechehaye; com a colaboração de Albert Riedlinger. Trad.: Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 28. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

ULMANN, Stephen. *Semântica: uma introdução à ciência do significado*. Trad.: J. A. Osorio Mateus. 4. ed. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1964.

VOLTAIRE. *Dicionário filosófico*. Trad.: Ciro Mioranza e Antonio Geraldo da Silva. São Paulo: Escala, 2008. Disponível em: <[http://www.cairu.br/biblioteca/arquivos/Filosofia/Dicionario\\_Filosofico\\_Voltaire.pdf](http://www.cairu.br/biblioteca/arquivos/Filosofia/Dicionario_Filosofico_Voltaire.pdf)>. Acesso em: 15-11-2016.

WANTUIL, Zeus. *As mesas girantes o espiritismo*. Biblioteca Virtual Espírita. Disponível em: <[http://bvespirita.com/As%20Mesas%20Girantes%20e%20o%20Espiritismo%20\(Zeus%20Wantuil\).pdf](http://bvespirita.com/As%20Mesas%20Girantes%20e%20o%20Espiritismo%20(Zeus%20Wantuil).pdf)>. Acesso em: 15-07-2017.

\_\_\_\_\_; THIESEN, Francisco. *Allan Kardec: pesquisa biobibliográfica, ensaios de interpretação*. Disponível em: <<http://www.autoresespiritasclassicos.com/Autores%20Espiritas%20Classicos%20Diversos/2/Z%C3%AAs%20Wantuil.htm>>. Acesso em 24-06-2017.